



**INOVAÇÃO SOCIAL E INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA COMO ABORDAGENS
TRANSFORMACIONAIS DA SUSTENTABILIDADE**

**SOCIAL INNOVATION AND APPRECIATIVE INQUIRY AS
TRANSFORMATIONAL APPROACHES TO SUSTAINABILITY**

Rezilda Rodrigues Oliveira

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

rezildarodrigues@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2886-6346>

Catia Wanderley Lubambo

Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ

catia.lubambo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8346-6249>

Resumo

Este ensaio objetiva trazer contribuições advindas das conexões relacionais estabelecidas entre Inovação Social (IS) e Investigação Apreciativa (IA) aplicadas ao campo de estudos ligados às transições para a sustentabilidade, sob a ótica transformacional. Na análise, discute-se ambos os constructos como abordagens capazes de responder a necessidades emergentes (e urgentes) em face das grandes questões sociais e ambientais, algumas de natureza disruptiva. As transições para a sustentabilidade foram reconhecidas principalmente como um desafio social, enquanto a IS e a IA foram delineadas com suas estratégias comuns e relacionais associadas ao desenvolvimento dos chamados experimentos de transição. O fundamento está centralizado na produção de conhecimento e no desenvolvimento de práticas alinhadas com as transformações requeridas na luta pela sustentabilidade. Nesse contexto, as Instituições de Ensino Superior foram consideradas entes transformacionais abertos a experimentos e pressupostos do pensamento relacional ligados a designs colaborativos e inclusivos. Por fim, apresenta-se o enquadramento resultante dos referenciais utilizados, os quais expressam as contribuições a que se chegou no campo de estudos das transições para a sustentabilidade com base em trabalhos

que analisaram IS e IA como eixos centrais da temática discutida neste ensaio, sob a ótica transformacional.

Palavras-chave: Inovação Social; Investigação Apreciativa; Transições para a Sustentabilidade.

Abstract

This essay aims to bring contributions from the relational connections established between Social Innovation (SI) and Appreciative Inquiry (AI) applied to the field of studies linked to transitions to sustainability, from a transformational perspective. The analysis discusses both constructs as approaches capable of responding to emerging (and urgent) needs in the face of major societal and environmental issues, some of which are disruptive in nature. Transitions to sustainability have been recognized primarily as a social challenge, while IS and AI have been outlined with their common and relational strategies associated with the development of so-called transition experiments. The foundation is centered on the production of knowledge and the development of practices aligned with the transformations required in the struggle for sustainability. In this context, Higher Education Institutions were considered transformational entities open to experiments and assumptions of relational thinking linked to collaborative and inclusive designs. Finally, the framework resulting from the references used is presented, which express the contributions made to the field of studying transitions to sustainability based on works that analyzed IS and AI as the central axes of the theme discussed in this essay, from a transformational perspective.

Keywords: Social Innovation; Appreciative Inquiry; Transitions to Sustainability.

1. Introdução

Por definição, as transições para a sustentabilidade são significativas em termos sociopolítico-ecológicos, constituindo um fenômeno de longo prazo, de natureza transformacional, multidimensional e multinível que atinge os sistemas sociotécnicos da atualidade. Para Markard, Raven e Truffer (2012), são mudanças profundas em diferentes dimensões, quais sejam, tecnológicas, organizacionais, político-institucionais, econômicas, comportamentais e socioculturais, dentre outras. Para atender a este enfoque, o artigo utiliza pressupostos relacionais associados a duas perspectivas.

A primeira perspectiva diz respeito à inovação social (IS) como uma das temáticas em que se examina seu papel na mudança em face da problemática da sustentabilidade (Krliev & Terstriep, 2022). No caso da IS, a transformação ocorre nos sistemas(s) existentes(s) mudando rotinas, recursos e crenças para enfrentar os grandes desafios sociais. Destaca-se, ainda, a característica disruptiva da IS por seu poder de superação de padrões institucionais subjacentes ao problema que pretende resolver (Dias, & Partidário, 2019; Hamann, Nilsson, & Drimie, 2018). Avelino *et al.*, 2014). O ponto de partida é o nível micro, onde se encontram atores interagindo com outros atores que avançam também no nível meso e macro, ao introduzirem novas práticas sociais, incluindo e combinando ideias, modelos, regras, relações sociais e/ou produtos gerados em tais instâncias.

A essência transformadora da IS requer condições para que as mudanças aconteçam, com a mobilização de pessoas e instituições para viabilizar estratégias e ações (Haxeltine *et al.*, 2013). Dá-se relevância à mudança nas relações sociais, envolvendo novas formas de fazer, conhecer, enquadrar e organizar, como expressão da IS *transformadora, em especial àquela* orientada por objetivos que alcancem a sociedade (Havas, Schartinger, & Weber, 2023; Pel *et al.*, 2020; Moulaert & Van Dyck, 2013).

Fala-se, então, de experimentos de transição identificados com objetivos sociais que sejam frutos de uma visão coletiva e partam daquilo que as pessoas tenham em mente para que se tornem ativos agentes de mudança (Sengers, Wieczorek & Raven, 2019). Cabe-lhes desenvolver experimentos de transição como estratégias que lidam com desafios sociais e buscam por aprendizado que leve ao enquadramento temático referente a esse problema (Van Den Bosch, 2010). Como exemplo, pode-se citar o enfrentamento da crise climática em escala local e global, considerada um assunto urgente para toda a humanidade (Lazurko, & Keys, 2022).

A segunda perspectiva refere-se à Investigação Apreciativa (IA) com sua ótica de pesquisa transformacional, que cria capacidade positiva e generativa à medida que os participantes exploram seu potencial de mudança e inovação (Garrett, 2022). A IA destaca-se por sua vertente teórica e empírica que favorece a IS e estimula o diálogo normativo (Van Der Merwe, Biggs, & Preiser, 2018).

Desde suas origens na década de 1980, no campo da psicologia positiva, até os dias atuais, a IA propõe uma agenda ativista aderente à IS por meio da criação de conhecimento, valores orientados para a vida e uma metáfora subjacente da vida como um milagre (Cooperrider, & Srivastva, 2017). Por esta razão, junta-se ambas, ou seja, IA e IA, como fontes

teóricas considerando a visão paradigmática centrada em estratégias transformacionais que elas permitem desenvolver por meio de uma pesquisa-ação que é positiva e generativa identificada com a coprodução de conhecimento com e para as partes interessadas da sociedade com vista ao alcance da mudança sustentável (Moriggi, 2022).

O *design* de pesquisa-ação apreciativa implica um processo e uma maneira engajada de prática que instiga pesquisadores e participantes a desenvolverem formas relacionais de saber e de produção de uma teoria generativa (Virgil, 2014; Bushe, 2007). Deve-se dizer, entretanto, que coube a Gergen (1978) dar início a essa tradição em que a produção de conhecimento evolui de uma construção cognitiva individual para uma construção comunitária, como se configura no caso da IA.

A adoção da IA tem como proposta a promoção da mudança transformacional, que se aplica em situações nas quais há necessidade de uma reformulação radical das interações humanas e ambientais em sistemas socioecológicos que enfrentam desafios globais disruptivos (Olsson, Galaz & Boonstra, 2014).

Conjugando pensamento relacional e ótica transformacional, o artigo pressupõe que isto pode ser aplicado quanto ao processo de incorporação do significado de sustentabilidade por parte das Instituições de Ensino Superior (IES), que são locais críticos para a produção e disseminação do conhecimento necessário para se lidar com a sustentabilidade no atual cenário (Schneider *et al.*, 2019; Brunstein, & Rodrigues, 2014). O recorte incidente sobre as universidades, como exposto no artigo, considera que tais instituições são terrenos férteis para se viabilizar *designs* colaborativos e inclusivos requeridos pela transição para a sustentabilidade.

Neste particular, não escapa a relevância da IS como tema de estudo na pós-graduação *stricto sensu* das IES brasileiras (Medeiros, & Silveira, 2023), observando que, entre 2016 e 2021, os autores encontraram cerca de 69 publicações, sendo o *corpus* composto por 15 teses e 54 dissertações concentradas no grupo temático denominado “Desafios sociais e societais” relativo a tal assunto e sinaliza para pesquisas que possam

melhorar a qualidade de vida em níveis mais altos de agregação, como cidades e regiões, para que os resultados da inovação social possam atingir a sociedade como um todo, envolvendo novas práticas sociais entre os diversos atores que se relacionam no ambiente em que a IS está sendo desenvolvida (Medeiros & Silveira, 2023, p. 6).

O diferencial deste artigo consiste no foco dado às transições para a sustentabilidade e às possibilidades decorrentes das abordagens relacionais e transformacionais. Compreendidas

no referencial tanto da IS como da IA, embora cada uma tenha orientação e conteúdos próprios, elas compartilham em comum o elo com a pesquisa-ação, sem prejuízo de suas especificidades.

Ambas as abordagens suportam aplicações direcionadas às universidades e outras instituições aderentes a *designs* colaborativos e inclusivos no campo institucional e organizacional (Setton, 2017). Segundo o autor, a construção de relacionamentos generativos (conexões construídas com base em confiança entre pessoas e grupos dentro e fora das organizações, mitigação da vulnerabilidade, amizade e respeito) é algo geralmente precedido e fundamentado no processo de *design* colaborativo e inclusivo intrínseco tanto à IS como à IA.

A argumentação empregada neste ensaio abrange o recurso teórico-metodológico que fundamenta a discussão de tópicos importantes derivados do interesse dos pesquisadores (Jahan *et al.*, 2016), sendo esse formato indicado quando se estabelece vínculos entre temas bem diferentes, seja para fins de reinterpretação ou de interconexão (Baumeister, & Leary, 1997). Defende-se, então, que as duas abordagens relacionais (IS e IA) são capazes de gerar aportes para a literatura sobre as transições para a sustentabilidade (Klitkou *et al.*, 2022).

Isto se reflete nos referenciais aqui utilizados, os quais espelham teorias e conceitos associados a novos *insights* acerca de um determinado fenômeno (Jaakkola, 2020), tal como se reflete nas duas perspectivas que ilustram este artigo. Seguindo essa orientação, a discussão envolvendo IS e IA não teve diretamente o intuito de buscar respostas e afirmações verdadeiras, mas fornecer elementos e questionamentos com a intenção de orientar os aportes que foram apresentados e discutidos (Meneghetti, 2011).

Este é o cerne deste trabalho que objetiva trazer contribuições advindas das conexões relacionais estabelecidas entre IS e IA aplicadas ao campo de estudos ligados às transições para a sustentabilidade, sob a ótica transformacional. A escolha desta temática se situa em um contexto no qual é inadiável (e inevitável) falar de caminhos a serem percorridos com base no diálogo, na experimentação e no questionamento de suposições dadas como certas (Bushe, 2007).

No artigo, parte-se do contexto situado das transições para a sustentabilidade para referenciar cada uma das abordagens relacionais e transformacionais, como visto a seguir.

2. Referencial Teórico

Nesta seção, cabe estabelecer um breve preâmbulo sobre as transições para a sustentabilidade, cujo marco teórico data aproximadamente do início dos anos 2000 e vem se expandindo em torno de referenciais identificados com a dinâmica de sistemas sociotécnicos em mudança e estudos de inovação que combinam múltiplas disciplinas das ciências humanas

e sociais para estudar o desdobramento das transições e como elas acontecem em contextos desafiadores (Kivimaa *et al.*, 2021; Loorbach, Frantzeskaki, & Avelino, 2017).

Para se entender as referidas transições, torna-se necessário observar que as mudanças alcançam as estruturas (por exemplo, organizações, instituições), a cultura (por exemplo, normas, comportamento) e as práticas (por exemplo, rotinas, habilidades), ao mesmo tempo em que são abertas, não lineares e cercadas de incertezas (Schäpke *et al.*, 2017).

Lachman (2013) entende que as transições para a sustentabilidade envolvem múltiplas soluções e vários atores de diferentes grupos, além de requisitarem a promoção de mudanças radicais (no escopo) de uma configuração para outra. Com isto, dada a sua natureza disruptiva, torna-se importante saber acerca da importância dos enfoques relacionais e transformacionais que constituem os eixos centrais deste artigo.

Cabe mencionar, então, que os referenciais da IS e da IA têm o papel fundamental de definir o posicionamento do artigo e apontar como a contribuição de ambos deve ser interpretada, levando em conta que a temática estudada se situa em um domínio ainda emergente, teórica e metodologicamente (Lukka, & Vinnari, 2014).

2.1 Inovação social: evolução de um conceito rumo à temática transformacional no campo da sustentabilidade

Ao se discorrer sobre a IS, é importante indicar que a ideia com a qual se lida neste ensaio tem muito a ver com Mulgan *et al.*, (2007) bem como Mulgan (2006), autores que a definem como a promoção de atividades e serviços inovadores motivados pela meta de atendimento a uma necessidade social, que possam ser plenamente desenvolvidos e difundidos por meio de organizações, em especial àquelas cujo principal propósito seja social.

Para Choi e Majumdar (2015), apesar de a ideia de IS ter ganhado cada vez mais atenção nos últimos anos nos discursos políticos, acadêmicos e de praticantes, o conceito ainda carece de uma definição clara e apresenta diferentes significados. Contudo, é certo que a noção de IS ultrapassa o antigo paradigma tecnológico e inclui questionar e ressignificar o *status quo* e os desafios reinantes em um dado sistema, além de confrontar normas, valores e crenças dominantes (Wittmayer *et al.*, 2019).

Não é demais lembrar o que dizem Havas, Schartinger e Weber (2023) acerca de estar em curso a superação das chamadas inovações “clássicas” (produtos, processos, organização, marketing), de sorte que novas categorias qualificam a IS dentre àquelas que buscam novas soluções para questões sociais e ambientais.

Assim, o que se sabe acerca da evolução do conceito diz respeito ao emprego de estratégias eficazes, eficientes, justas e sustentáveis voltadas para a produção de soluções identificadas com a criação de valor social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, trazendo novas práticas sociais e servindo mais para o bem público como um todo do que para indivíduos privados (Mahmuda, Baskaran, & Pancholi, 2014; Howaldt *et al.*, 2014). De fato, a origem da IS reside na troca de ideias e valores entre o setor público, privado e sem fins lucrativos, ligados a investimentos e empreendimentos socialmente responsáveis (OECD, 2010; Phills, Deiglmeier, & Miller, 2008).

Na mudança paradigmática, vale citar *The International Handbook on Social Innovation*, cujas perspectivas teóricas e metodologias mostram como a IS pode promover a inclusão e o bem-estar por meio da melhoria das relações sociais e dos processos de empoderamento: imaginar e buscar um mundo, uma nação, uma região, uma localidade, uma comunidade que conceda direitos universais aos povos e seja mais socialmente inclusivo (Moulaert *et al.*, 2013). Por esta razão, a IS tem sido invocada pelos movimentos políticos e sociais de forma político-ideológica orientada para o desenvolvimento humano.

Já a referência feita à IS no campo da educação é bem consistente com a escolha de espaços para o engajamento criativo dos jovens e, junto com eles, desenvolver modelos que lhes permitam realizar seu potencial como agentes de mudança (Chung-Shin *et al.*, 2018). Os autores assinalam que o termo “inovação social” tem desfrutado de crescente popularidade nos últimos anos e, em seu estudo, foi bem explicitado como tal denominação se diferencia quanto ao entendimento mais tradicional de inovação tecnológica ou baseada no mercado que não consegue enfrentar as crescentes desigualdades sociais.

A forma de ação é coletiva, pois visa a criar relações sociais ou colaborações, sugerindo uma estratégia conjunta que fomente e aumente a capacidade de ação da sociedade para que possa combater forças conservadoras e resistentes a mecanismos inclusivos promovidos pela IS (Chung-Shin *et al.*, 2018; Moulaert *et al.*, 2013). Neste sentido, há ferramental teórico nos estudos da IA que podem subsidiar àqueles interessados na experimentação metodológica reflexiva para implementá-la através de estudos de caso e outros modos de pesquisa social (Broadley, 2020).

Na atualidade, a discussão está associada a necessidades emergentes (e urgentes) a serem atendidas pelos inovadores sociais (Audretsch, Eichler, & Schwarz, 2022). Assim, não é de estranhar a ênfase dada à promoção e encorajamento de parcerias entre os atores de todos os setores (Estado, mercado e sociedade civil), o que se mostra extremamente oportuno posto que

o ritmo das mudanças não tem sido, até agora, rápido o suficiente para cumprir as metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), como explicam Lee e Waddock (2021). Afinal, eles integram a Agenda 2030 e são ponto de referência global para as transições rumo à sustentabilidade (ONU, 2015).

Lee e Waddock (2021) apontam para a existência de agentes catalisadores de transformações responsáveis pela introdução intencional de inovações organizacionais e institucionais promissoras, especificamente projetadas para abordar problemas e oportunidades sociais e ambientais. Em sua visão, tais agentes ajudam, conectam, unem e amplificam os esforços provenientes de iniciativas postas por outros *stakeholders* na tentativa de superar a fragmentação e o baixo retorno quanto ao impacto desejado em face de determinadas mudanças a serem por eles enfrentadas, algumas delas requerendo certa urgência. Das coalizões feitas com outros atores, espera-se que compatibilizem visões de futuro, objetivos, aspirações e propostas alinhadas com interesses coletivos, sem que haja comprometimento de suas agendas individuais (Lee, & Waddock, 2021).

Isto leva a questionamentos acerca do envolvimento das IES no campo da sustentabilidade, em termos de seu papel fundamental na promoção da IS. Bayuo, Chaminade e Göransson (2020) sugerem que conceitos tais como colaboração, cocriação de conhecimento e pesquisa participativa são abordagens que devem ser discutidas para se entender o engajamento das universidades em atividades desta natureza. Inclusive, a perspectiva participativa tem sido amplamente utilizada para criar caminhos e cenários para a sustentabilidade, principalmente, na esfera local (Szetey *et al.*, 2021), como preconiza o pressuposto do desenvolvimento sustentável.

Nesse âmbito, Stephens *et al.* (2008) chegam a considerar as IES como espaços relevantes de produção, perpetuação e disseminação do conhecimento na sociedade, posicionando-as como agentes de mudança fundamentais nas transições para a sustentabilidade. Yañez-Figueroa, Ramírez-Montoya e García-Peñalvo (2022), em sua revisão sistemática de literatura, respaldam essa percepção ao reconhecerem que as universidades são espaços propícios ao desenvolvimento de experimentos para gerar ações de sustentabilidade aplicáveis na vida real, sendo que o trabalho pode ser oriundo dos níveis local, nacional e internacional.

Assim, cabe prestar atenção na busca por instituições comprometidas com a inovação e que se constituam como espaços seguros e adequados para a IS se consolidar e crescer (Romero-Frías, & Robinson-García, 2017). Os autores fazem referência à instituições que disponham de laboratórios entendidos como plataformas projetadas para enfrentar desafios sociais que reúnam três requisitos: (a) enfatizar seu caráter social, reunindo pessoas com características e

abordagens diferentes para trabalhar coletivamente; (b) desenvolver experimentos enquanto processos de criação com perspectivas de continuidade ao longo do tempo; e (c) contar com caráter sistêmico e orientado à geração de protótipos ou produtos que possam solucionar grandes desafios.

Nesse contexto, Purcell, Henriksen e Spengler (2019) elegem as universidades como um ator no ecossistema de mudança e as consideram um "laboratório vivo" para que a sustentabilidade seja promovida através de estratégias intencionais e aspiracionais alinhadas com os ODS's para atingir esse fim. König e Evans, (2013) dizem que um "laboratório vivo" é apropriado naquelas circunstâncias em que desafios da sustentabilidade do mundo real sejam formalmente abordados em parcerias com partes interessadas.

De acordo com Trencher *et al.*, (2014), essa discussão transcorre no contexto situado das transições para a sustentabilidade que são globais, mas se distribuem por comunidades e regiões em nível local. Isto representa uma mudança na ideia de que se deve meramente buscar o desenvolvimento econômico e social através da transferência de tecnologia e do empreendedorismo. A proposta consiste em direcionar os olhares para a colaboração com diversos intervenientes internos e externos para criar transformações sociais com vistas à materialização do desenvolvimento sustentável.

A próxima seção retoma a discussão em torno da IA à qual percorre um caminho imersivo, transformador e sustentável associado à IS por meio de estratégias de colaboração e de narrativas relativas à construção de novos sistemas e experimentos que tenham reconhecido impacto social. Isto expressa uma abordagem sistêmica para a mudança, baseada nos pontos fortes de instituições e no uso de referenciais que combatem o discurso do déficit, dando margem a uma ótica de transformação positivamente autodeterminada (Gusheh *et al.*, 2019). Enfatiza-se, mais uma vez, que a IA é transformacional porque produz, muda e gera novos conhecimentos, apoiando-se no diálogo para criar mudanças como um componente do processo de uma pesquisa-ação generativa (Nel, & Govender, 2019).

2.2 Investigação apreciativa: uma abordagem relacional identificada como uma pesquisa transformacional

Nesta seção, a conjugação da IA com a IS é feita considerando-se ambas como estruturas relacionais que permitem sua aplicação em estudos que envolvam as IES como instituições transformadoras e detentoras de um potencial catalisador para fazer frente ou mesmo desenvolver processos de transformação nas transições para a sustentabilidade (Puente *et al.*, 2021; Purcell, Henriksen, & Spengler, 2019).

Acredita-se que o enfoque da IA fornece fundamentos e instrumentos necessários à catalisação de uma transformação social e organizacional, posto que, quando se explora profundamente a questão do que dá vida a um sistema, encoraja-se e inspira-se comportamentos colaborativos, mais pró-sociais e expansivos por parte de seus integrantes (Armstrong, Holmes, & Henning, 2020; Setton, 2017).

Do ponto de vista relacional, o alinhamento da IA com a IS integra a matriz do social construcionismo (Cajaiba-Santana, 2014), na qual o conhecimento e o significado são formados por meio de processos e ações sociais, em que as visões dos participantes sobre uma determinada situação ou fenômeno decorrem do fato de suas experiências serem vividas e narradas em um mesmo contexto interacional.

Em ambas as abordagens, os experimentos expressam um dado processo de aprendizagem coletiva (envolvendo pessoas e grupos) considerado como uma das principais maneiras pelas quais as partes interessadas moldam a IS (Romero-Frías & Robinson-García, 2017). Para tanto, espera-se que haja um ambiente favorável à experimentação, consistente com os pressupostos de certo *design* de transição, o que explica, por exemplo, a ascensão dos laboratórios de inovação no setor público (Blomkamp, 2022; McGann, Blomkamp, & Lewis, 2018). Entretanto, o que importa mesmo é saber como isto pode ser transposto para o caso das IES brasileiras.

Na configuração dos ditos experimentos, um dos requisitos considerados é de que exista um grande desafio social a exigir aprendizado crítico e reflexivo associado a um problema ligado à sustentabilidade, codependente de práticas e conexões relacionais no âmbito do cotidiano das pessoas (Van Den Bosch, 2010).

Como já mencionado na Introdução do artigo, um caso concreto diz respeito ao enfrentamento da crise climática (Lazurko, & Keys, 2022), em que os eventos extremos estão se tornando cada vez mais presentes, fazendo com que as pessoas e a própria sociedade civil precisem trabalhar juntas como uma condição necessária (embora não seja suficiente) para enfrentar os naturais medos do cotidiano (que antes pareciam ser do futuro). Entende-se que os fenômenos críticos do clima se enquadram na categoria das transições para a sustentabilidade, de modo claro e imediato.

Norgaard (2018), diante das evidências da mudança climática, sugere que estão crescendo os apelos ao conhecimento das ciências sociais, dado que o discurso acadêmico pode, sim, influenciar a compreensão pública ou a política social, posto que esta seja uma tarefa interdisciplinar coletiva e que solicita a atenção de todos.

Neste ensaio, no terreno das contribuições que se espera dar, enfatiza-se a discussão engajada e baseada na cooperação com as partes interessadas no processo de geração de valor em face do fenômeno da sustentabilidade (Hörisch *et al.*, 2014). Tanto um como o outro são elementos integrantes da proposta da IA que se detém na aprendizagem em redes de conhecimento aplicadas a diferentes escalas, delas podendo-se esperar lições aprendidas e benefícios percebidos em estratégias que passam por processos de *co-design*.

Cabe levar em conta, então, os contextos e as lógicas que conjuguem colaboração, engajamento e assertividade cultural como assim propõe a IA, de maneira a se poder contribuir para a sustentabilidade do planeta (Bartunek. & Balogun, 2022). No estudo feito pelos autores, esta é uma temática interpretativa, relacional e espacial-contextual nas quais se inserem as organizações que cumprem um papel de articulação perante a comunidade, construindo relacionamentos e mobilizando o capital social necessário, por meio da pesquisa-ação de natureza apreciativa.

A utilização da IA constitui a forma pela qual se pode evidenciar uma série de tendências emergentes na esfera dos ecossistemas educacionais conectivos baseados em um processo inclusivo, mas universal (Biggeri, Testi, & Bellucci, 2017). O engajamento de partes interessadas nos processos de cocriação e esquemas de participação que tornem a pesquisa orientada para a solução e saída da problemática social hoje reinante são elementos básicos a serem discutidos, para que as universidades venham a ser consideradas agentes para o desenvolvimento sustentável (Bayuo, Chaminade, & Göransson, 2020).

Porém, o diálogo expressa a principal força construtiva da mudança, cuja interpretação feita pelos atores institucionais deve ser capaz de despertar empatia ao ser transposta sob a forma de narrativas e da análise dos processos de *co-design* (Nel, & Govender, 2019). Em termos mais aplicados, a abordagem dialógica da IA compreende três processos: (a) uma nova interpretação narrativa da construção social contínua da realidade em estreita dependência com a percepção que se deve ter acerca da complexidade e contingência do desenvolvimento sustentável; (b) a adesão dos participantes a um processo de mudança que dê espaço às narrativas consentâneas com essas ideias emergentes; e (c) a geração de imagens que propiciem alternativas novas e atraentes para se pensar e agir diante de uma agenda de sustentabilidade (Bushe, & Marshak, 2015).

Como vem sendo argumentado, entende-se que a IA pode ser aplicada para se desenvolver caminhos de pesquisa e desenvolvimento inclusivos e sustentáveis, ligados à IS. Richards (2012) diz que conteúdos temáticos ligados à IA permitem realizar estudos que

envolvem construção de relacionamentos, coautoria de um futuro, reflexividade e obtenção de significados extraídos de narrativas de mudança.

Aliás, o campo de estudos que se voltam para o futuro tem assistido a um crescente interesse em relação ao potencial das abordagens narrativas que projetem o vir a ser contido nos enredos sobre a transformação social (Wittmayer *et al.*, 2019).

Segundo Cajaiba-Santana (2014), as inovações sociais fundamentalmente se manifestam em mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções, resultando em novas práticas sociais. Isto repercute sobre como as pessoas agem, bem como dão sentido às suas realizações por meio de narrativas de mudanças (Haxeltine *et al.*, 2017).

É neste sentido que se defende a produção de mudanças que tenham natureza transformacional e requerem agentes capazes de produzir engajamento que leve até o alcance da solução de problemas sociais e resulte na aspiração explícita de se ter um propósito e compromisso com a ciência em termos de presente e futuro (Wuppertal Institute, 2023). Dado esse esforço, parece ser crucial atingir o objetivo de contribuir para a catalisação dos processos de mudança e envolver ativamente as partes interessadas no processo de pesquisa generativa, de maneira a se avançar na esteira das transições para a sustentabilidade.

Daí, neste ensaio, a ênfase recair na IA como um referencial que pode revelar a capacidade generativa dos agentes (Figura 1), a qual se refere ao desafio dos pressupostos orientadores, à formulação de questões fundamentais que possam reconfigurar a realidade, à construção de relacionamentos e conquista do engajamento de diferentes *stakeholders* que questionem aquilo que é dado como certo e, assim, venham a gerar novas alternativas para a ação social (Bushe, 2007).

Figura 1. Orientações generativas aplicáveis à IA



Fonte: adaptado de Bushe (2007)

Note-se que a IA implica a realização não só de uma ação coletiva, mas também auto-organizada, em direção a uma visão compartilhada do futuro, sendo necessário encontrar maneiras inovadoras para lhe dar materialidade (Guix, & Font, 2022).

Nessa mesma linha de pensamento, Moriggi (2022) utilizou os princípios filosóficos da IA para mostrar seu *status* como uma pesquisa transformadora, apontando para cinco dimensões, cujos significados e práticas estão ilustrados no Quadro 1. A autora insere a IA no contexto da ciência da sustentabilidade, indicando sua aplicação para se entender e abordar os problemas socioecológicos, de forma interdisciplinar, contemplando diferentes atores sociais envolvidos em processos de pesquisa abertos e inclusivos, voltados para a construção colaborativa da realidade. Além disso, passa a ser fonte de inspiração a prática do cuidado com a Terra, a visão regenerativa e a responsabilidade pelos ecossistemas no presente e no futuro (Moriggi, 2022).

A autora considera, ademais, que o discurso do cuidado rejeita a compreensão neoliberal dos seres humanos como maximizadores isolados da utilidade individual e os eleva ao papel de atores com práticas que regeneram a base viva da sociedade e sua continuidade para as gerações atuais e futuras (Moriggi, 2022).

Quadro 1. *Ethos* da apreciação (cinco dimensões)

Dimensões	Pressupostos e significados
<i>Iluminar o milagre da vida</i>	Aceitar que a vida é misteriosa e, como tal, deve ser apreciada com admiração e abertura na investigação
Questionar realidades tidas como certas	Estar disposto a desafiar padrões habituais de pensar e agir, bem como estar aberto e curioso para usar a imaginação e a disponibilidade para pensar, livremente, a respeito das mudanças
<i>Vislumbrar novas possibilidades</i>	Adotar a prática de acolher as infinitas possibilidades que existem ao se imaginar e interagir com diferentes mundos sociais
<i>Criar conhecimento nas relações</i>	Compreender que a existência humana é fundamentalmente relacional. Em vez de olhar apenas para a agência humana, é preciso focalizar os relacionamentos e ver os outros como cocriadores vitais de nossa mente, nosso eu e nossa sociedade
<i>Possibilitar uma convivência justa e sustentável</i>	Ir além da visão antropocêntrica e dar espaço à abordagem ecocêntrica que diz respeito à consciência da interdependência em relação a todas as formas de vida

Fonte: adaptado de Moriggi (2022)

Bentz, O'Brien e Scoville-Simonds (2022) entendem que a jornada da sustentabilidade, apesar de estar em curso e refletir um reconhecimento crescente de que as sociedades precisam se transformar agora, ainda requerem o preenchimento de lacunas entre conhecimento e ação, ao lado de abordagens qualitativamente diferentes para se enfrentar e ativar transformações para a sustentabilidade. A pergunta que se faz é como fazer isto acontecer.

Neste terreno, as abordagens relacionais, a exemplo da IA podem ser invocadas para se obter *insights* consideravelmente mais profundos sobre valores e comportamentos/ações

consequentes na interação com a natureza e a sustentabilidade (Yuliani *et al.*, 2022). Por sua vez, Chan, Gould e Pascual (2018) observam que os valores relacionais positivos podem oferecer oportunidades importantes para se alcançar uma mudança transformadora em direção à sustentabilidade, além de se contrapor a enquadramentos e discursos já sedimentados.

Com efeito, nas palavras de West *et al.* (2020) está em alta a ocorrência de estudos da chamada virada relacional nas ciências humanas e sociais mirando uma mudança de paradigma apropriado à ciência da sustentabilidade. Não obstante esse avanço, os autores constataram que ainda há uma incerteza generalizada sobre as origens, promessas e desafios de trabalhar com o pensamento relacional, incluindo a atividade de experimentar de forma compartilhada e as epistemologias ligadas aos relatos de conhecimento. As abordagens relacionais são àquelas que geram relatos empíricos da produção de conhecimento, suscitando ideias e pensamentos mais situados e diversos para a tomada de decisão em circunstâncias em que a sustentabilidade se encontra em jogo (West *et al.*, 2020).

Para Veland *et al.*, (2018), esquemas baseados em narrativas abrem espaços para a coconstrução de caminhos transformadores e a criação de um roteiro de pesquisa que seja alinhado com as múltiplas e diversas experiências de agência pró-sustentabilidade. Neste sentido, a atenção dada à narrativa (relatos de conhecimento) pode ajudar a facilitar o entendimento do contexto acerca das situações transformacionais, o que exige saber olhar para o fenômeno com lentes ontoepistêmicas que expliquem como as pessoas dão sentido à experiência que têm (ou tiveram) ao passar por mudanças.

Os autores alertam que os futuros transformadores dependem de uma capacidade de traçar caminhos seguros e desejáveis, que sejam dignos para todos, de forma inclusiva (Veland *et al.*, 2018). Assim sendo, as narrativas precisam estar alinhadas com os domínios e subdomínios da mudança, sob a ótica positiva e generativa (Heck. & Sweeney, 2013), gerando relatos de conhecimento baseados na perspectiva dos participantes. Nela pode estar embutidos ideias, conceitos, metáforas e/ou enredos sobre mudança e inovação, em especial àquelas que se referem à obtenção de soluções imediatas para as questões sociais prementes com as quais a sociedade vem se confrontando (Avelino *et al.*, 2019; Avelino *et al.*, 2014).

2.3 Inovação social e Investigação apreciativa: uma possibilidade de conexão relacional na prática

Em uma perspectiva transformadora, então, iniciativas que juntam IA e IS podem ser representativas de relatos sobre como a sociedade se transforma e quem faz parte desse processo (Wittmayer *et al.*, 2019). Inclusive, a lógica apreciativa permite focar o que foi feito no

passado, como se dá a construção do presente e se desenha o futuro desejado, além de apontar as mudanças mais significativas vivenciadas pelos atores de um dado processo (Davies, & Dart, 2019). Nas transições para sustentabilidade, as mudanças começam na esfera pessoal e grupal em relação a crenças, valores, visões de mundo e reflexões acerca de paradigmas antes praticados, até se chegar a uma tomada de posição (McCrory *et al.*, 2020).

O referencial da IA dá suporte à realização de estudos inclusivos e sustentáveis, também ligados à IS, aqui caracterizada como uma pesquisa transformadora (Avelino *et al.*, 2014). Os conteúdos da IA são explicitamente identificados com uma pesquisa-ação positiva e seu potencial generativo direcionado à transformação e aos experimentos que remontam à IS.

A discussão considera a possibilidade e a responsabilidade das ciências humanas e sociais em criar conhecimento que seja catalisador de processos de inovação e transformação social (Cooperrider, & Srivastva, 2017). Por se estar diante de um referencial que é tanto uma abordagem como uma metodologia, cabe ao pesquisador produzir conhecimento mediante a construção colaborativa de uma realidade em constante transformação, inclusive no plano de uma teoria em ação (Moriggi, 2022).

Este é o caso a ser considerado, tendo em vista que o exercício consiste em aprender e utilizar novas formas de pensar, incluindo-as em uma agenda que priorize o enfoque de pesquisa sobre transições para a sustentabilidade, dentre elas, as que se referem à pesquisa cocriativa e transformacional na esfera da ciência da sustentabilidade.

Moriggi *et al.* (2020) complementam dizendo que na busca de condições a favor da transformação se torna necessário: (a) o envolvimento atento ao contexto e às suas interdependências; (b) a vontade de experimentar; e (c) a atenção que deve ser dada ao empoderamento das partes envolvidas. Sem prejuízo de nenhum desses três elementos, os autores reforçam que a experimentação e a aprendizagem iterativa são consideradas fatores essenciais na pesquisa transformacional associada à IA.

Neste campo de estudos, avanços recentes englobam a pesquisa-ação participativa envolvendo pessoas e grupos em experimentos realizados em laboratórios do mundo real e outros arranjos de pesquisa de transições coproduzidas (Köhler *et al.*, 2019). Para os autores, é provável que esta continue a ser uma grande fronteira de pesquisa em interdependência com a emergência de iniciativas e assunção de compromissos que visem a apoiar as transformações resultantes de proposições consoantes com a conjugação da IS com a IA. Ambas constituem eixos centrais da temática discutida neste ensaio, denotando um campo de pesquisa interdisciplinar das ciências humanas e sociais nos estudos da sustentabilidade, que requerem a

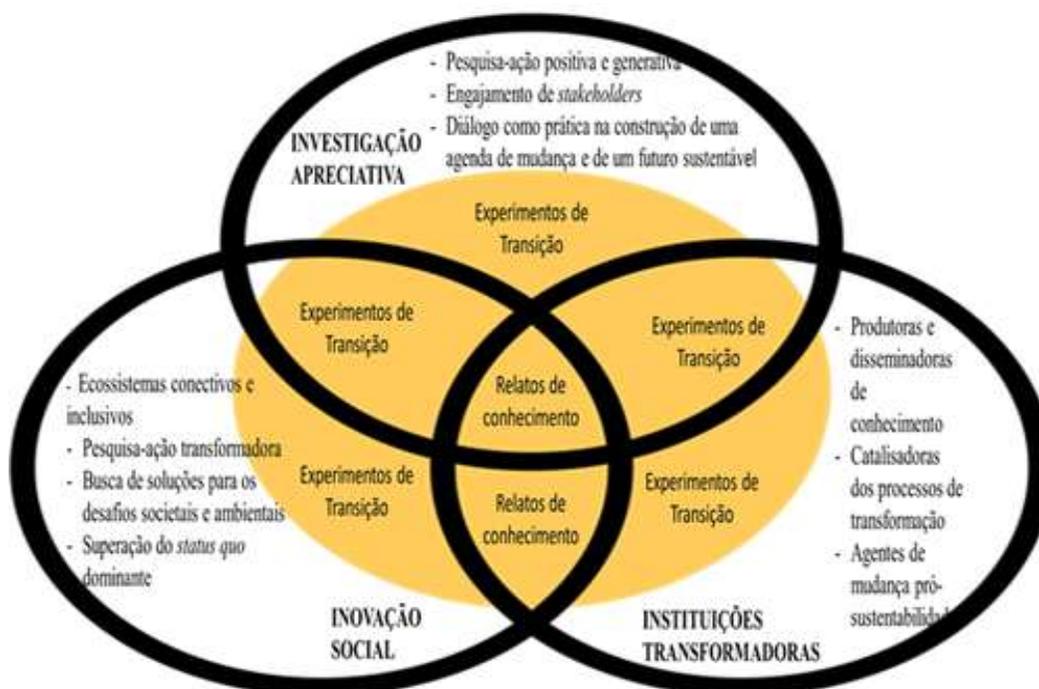
existência de instituições transformadoras como um dos agentes de mudança fundamentais nas transições para a sustentabilidade (Stephens *et al.*, 2008).

O fato é que certos experimentos de transição ganham um significado conexo a práticas que mobilizam os participantes desses processos quanto às mudanças nas relações sociais para dar consecução à transformação (Sovacool *et al.*, 2023). Isto pode envolver iniciativas colaborativas projetadas para gerar conhecimento e testar práticas inovadoras para enfrentar um desafio coletivo de sustentabilidade, sobretudo no caso de experimentos nascidos de uma vivência metodológica reflexiva direcionada à geração de visões baseadas em "sementes" de futuros positivos plantadas no presente e que possam representar uma experiência apreciativa relacionada à troca e produção de conhecimento através da criação de espaços transformadores (Lazurko, & Keys, 2022).

Neste ponto do trabalho, então, pode-se apresentar o enquadramento resultante dos referenciais que foram utilizados (Figura 2), cujos conteúdos são relacionais e geram aportes para os estudos e possibilidades discursivas sobre as transições para a sustentabilidade (Klitkou *et al.*, 2022).

Vale frisar, mais uma vez, que este trabalho se constitui como proposta de um *framework* para o trato das práticas da IS e da IA contando-se que seus conteúdos possam ser explorados em sua aplicabilidade, de maneira real, nas situações transformacionais da sustentabilidade, envolvendo a participação das organizações e/ou da própria sociedade.

Figura 2. Enquadramento dos referenciais adotados





TRANSIÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE (Enfrentamento das emergências e desafios sociais/ambientais)

- São um fenômeno de longo prazo e de natureza multidimensional e multinível
- São globais, mas se distribuem por inúmeras comunidades e regiões em nível local.
- Passam por avanços interdisciplinares das ciências humanas e sociais nos estudos da sustentabilidade (uma virada relacional)
- Mudanças envolvem a esfera pessoal e grupal em relação a crenças, valores, visões de mundo e reflexões acerca de paradigmas antes praticados
- Mudanças alcançam as estruturas (por exemplo, organizações, instituições), a cultura (por exemplo, normas, comportamento) e as práticas (por exemplo, rotinas, habilidades), ao mesmo tempo em que são abertas, não lineares e incertas
- Envolve múltiplas soluções e vários atores de diferentes grupos, além de requisitarem a promoção de mudanças radicais (no escopo) de uma configuração para outra.

Fonte: Elaborado pelas autoras

À luz deste entendimento, espera-se ter estabelecido um *framework* que dê suporte à busca por espaços de produção de conhecimento, a exemplo das universidades. O avanço desse trabalho requer suporte para o desenvolvimento de pesquisas emergentes e desenhos experimentais que operem com perspectivas de transformação e permitam vislumbrar futuros desejáveis conforme um referencial de cunho exploratório típico de momentos em que se navega na mudança. Deve-se atentar de todo modo, que nenhum processo é perfeito ou exclui ideias e pensamentos divergentes dos que foram aqui apresentados, dada a complexidade e a fronteira com as quais os cientistas estão lidando.

3. Conclusão

Neste ensaio se objetivou trazer contribuições advindas das conexões relacionais estabelecidas entre IS e IA aplicadas ao campo de estudos ligados às transições para a sustentabilidade, sob a ótica transformacional. Os resultados obtidos apontam para elementos integrantes do *framework* apresentado na seção anterior, em que se espera ter demonstrado que a mudança estrutural e transformadora é necessária para se enfrentar os grandes desafios sociais, como é o caso das mudanças climáticas.

Em particular, a IS pode ser descrita como resultado de novas ideias que atendem simultaneamente às necessidades sociais e ambientais, criam relacionamentos ou colaborações que podem levar a experimentos conduzidos na perspectiva e domínios oriundos da IA, cujo instrumental dialógico se mostra pertinente na produção de relatos de conhecimento através dos quais se possa discorrer sobre como fazer narrativas acerca do que significa ser sustentável (Sparre, 2024). Aqui, destaca-se o discurso construcionista social e a natureza generativa de que ele precisa estar imbuído, incluindo os contrapontos e as incertezas implícitas nos experimentos das transições para a sustentabilidade. Isto exige encorajamento e resiliência

perante o desafio do *status quo* e os questionamentos dirigidos aos acadêmicos da sustentabilidade (Haider *et al.*, 2018).

As contribuições do trabalho levam a que se proponha um modo de pesquisa que (a) gere conhecimento acionável, (b) tenha fundamentos para se abordar e fortalecer relacionamentos, e (c) possa transformar crítica e construtivamente os sistemas hegemônicos dominantes neste campo de conhecimento. Em tal contexto, elege-se a pesquisa-ação como uma das estratégias que atendem às contingências impostas pelas transições para a sustentabilidade, ressaltando-se o caráter transformacional e generativo observado nas conexões estabelecidas entre IS e IA (Bartels, & Wittmayer, 2018).

Para tanto, West *et al.* (2021) reforçam a importância do pensamento relacional, sobretudo o que agrega conceitos ora discutidos no campo das ciências da sustentabilidade e que trazem contribuições para que haja uma virada nas ciências humanas e sociais. Segundo os autores, os conceitos são poderosos posto que designam o que ontologicamente se vivencia no mundo e moldam nossas ações e instituições, além de ter um caráter provocador e facilitador a favor da abertura de paradigmas.

Por outro lado, o contexto situado das transições para a sustentabilidade desperta a atenção do leitor por sua relevância e urgência (Audretsch, Eichler, & Schwarz, 2022; Lee, & Waddock, 2021), o que enseja insistir na busca por condições para se impulsionar a mudança sistêmica e enfatizar a utilização de estratégias de empoderamento, discursos transformadores e avanços que mudem o jogo (Haxeltine *et al.*, 2013).

Conhecendo-se o teor deste artigo, então, entende-se que há fundamentos para se levar a efeito um programa de pesquisa empírica necessário para se refinar as questões referentes ao que se entende por inovações sociais transformadoras (Haxeltine *et al.*, 2017; Haxeltine *et al.*, 2013). Isto inclui a natureza propositiva nascida da ideia de se tomar como objeto empírico de estudo as IES, conforme sua qualificação como instituições transformadoras e o papel imperativo que podem exercer no alcance dos objetivos de desenvolvimento sustentável, pois a transição, no caso do ensino superior, contribui para a transformação social (Griebeler *et al.*, 2021). Nessa base analítica, contempla-se a IA como uma abordagem centrada no *design* colaborativo, inclusivo e voltado para a mudança transformacional em conexão com a IS.

Assim, está-se diante de duas perspectivas de estudos no campo da sustentabilidade em que se considera a IS em franca evolução como um conceito que a designa como transformadora e a IA como uma abordagem que se alimenta da construção de conhecimento e da mobilização de pessoas em torno da compreensão da metáfora generativa dos grandes desafios a serem enfrentados no agora e por isto se expressa como uma alavanca que compele pessoas e grupos

à ação, baseadas em estratégias críticas e reflexivas. Ambas as perspectivas remetem ao desenvolvimento de uma pesquisa transformacional em um campo nascente de conhecimento, onde ainda se busca responder às questões de incerteza e direcionamentos acerca de como lidar com o desconhecido nessa quadra mundial da humanidade (Wiek *et al.*, 2012).

4. Referências

Armstrong, A. J., Holmes, C. M., & Henning, D. (2020). A changing world, again. How Appreciative Inquiry can guide our growth. *Social Sciences & Humanities Open*, 2(1).

Avelino, F., Wittmayer, J. M., Pel, B., Weaver, P., Dumitru, A., Haxeltine, A., ... & O'Riordan, T. (2019). Transformative social innovation and (dis) empowerment. *Technological Forecasting and Social Change*, 145, 195-206.

Avelino, F., Wittmayer, J. M.; Haxeltine, A., Kemp, R., O'Riordan, T., Weaver, P., Loorbach, D., & Rotmans, J. (2014). *Game-changers & Transformative Social Innovation*. Paper presented at the Synthesis Workshop on "The role of Game-changers in Transformative Social Innovation". Rotterdam: TRANSIT, 1-2.

Audretsch, D. B., Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2022). Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 1-38.

Bartels, K., & Wittmayer, J. (Eds.). (2018). *Action Research in Policy Analysis: Critical and Relational Approaches to Sustainability Transitions*. New York: Routledge advances in research methods.

Bartunek, J. M., & Balogun, J. (2022). Context and how it matters: Mobilizing spaces for organization-community sustainable change. *Strategic Organization*, 20(4), 832-845.

Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1997). Writing Narrative Literature Reviews. *Review of General Psychology*, 1(3), 311-320.

Bayuo, B. B., Chaminade, C., & Göransson, B. (2020). Unpacking the role of universities in the emergence, development and impact of social innovations. A systematic review of the literature. *Technological Forecasting and Social Change*, 155, 2-11.

Bentz, J., O'Brien, K., & Scoville-Simonds, M. (2022). Beyond "blah blah blah": exploring the "how" of transformation. *Sustainability Science*, 17(2), 497-506.

Biggeri, M., Testi, E., Bellucci, M. (2017). Enabling ecosystems for social enterprises and social innovation: a capability approach perspective. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 299-306.

Blomkamp, E. (2022). Systemic design practice for participatory policymaking. *Policy Design and Practice*, 5(1), 12-31.

- Broadley, C. (2020). Advancing Asset-Based Practice: Engagement, Ownership, and Outcomes in Participatory Design. *The Design Journal*, 24(2), 253-275.
- Brunstein, J., & Rodrigues, A. L. (2014). Gestores e sustentabilidade: a difícil tradução do significado para a ação competente. *Revista Alcance*, 21(1) 5-24.
- Bushe, G. R. (2007). Appreciative inquiry is not about the positive. *OD Practitioner*, 39(4), 33-38.
- Bushe, G., & Marshak, R. J. (2015). *Dialogic organization development: The theory and practice of transformational change*. Oakland: Berrett-Koehler.
- Cajaiba-Santana, G. (2014). Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. *Technological Forecasting and Social Change*, 82, 42-51.
- Chan, K. M., Gould, R. K., & Pascual, U. (2018). Editorial overview: Relational values: what are they, and whats the fuss about? *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 35, A1-A7.
- Choi, N., Majumdar, S. (2015). Social Innovation: Towards a Conceptualisation. In: Majumdar, S., Guha, S., & Marakkath, N. (Eds.). *Technology and Innovation for Social Change*. New Delhi: Springer India.
- Chung-Shin, Y., Renaux, J., Chikermane, V., & Rajani, J. J. (2018). Co-designing a social innovation model for changemakers. In: Proceedings of RSD7, Relating Systems Thinking and Design 7, 23-26 Oct 2018, Turin, Italy. [...Analls...].
- Cooperrider, D. L., & Srivastva, S. (2017). The gift of new eyes: personal reflections after 30 years of appreciative inquiry in organizational life. In: Rami, A. B. & Noumair, D. A. (Eds.), *Research in Organizational Change and Development*. Bingley: Emerald Publishing Limited. V. 25.
- Davies, R., & Dart, J. (2019). *Adaptation of the Most Significant Change Technique. A Participatory Monitoring, Evaluation and Adaptive Management Tool for Complex Situations*. Technical Brief. Baltimore: The Challenge Initiative.
- Dias, J., & Partidário, M. (2019). The Potential Transformative Capacity of Social Innovation. *Sustainability*, 11(16), 4465.
- Garrett, M. D. (2022). Applying Appreciative Inquiry to Research in the Field of Inclusive Education. *Canadian Journal for New Scholars in Education*, 13(1), 104-115.
- Gergen, K. J. (1978). Toward generative theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36(11), 1344-1360.
- Griebeler, J. S., Brandli, L. L., Salvia, A. L., Leal Filho, W., & Reginatto, G. (2021). Sustainable development goals: a framework for deploying indicators for higher education institution. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, 23.

Guix, M., & Font, X. (2022). Consulting on the European Union's 2050 tourism policies: An appreciative inquiry materiality assessment. *Annals of Tourism Research*, 93, 1-13.

Gusheh, M., Firth, V., Netherton, C., & Pettigrew, C. (2019). The creation of the UTS Social Impact Framework: A collaborative approach for transformational change. *Gateways: International Journal of Community Research and Engagement*, 12(2), 1-22.

Haider, L. J., Hentati-Sundberg, J., Giusti, M., Goodness, J., Hamann, M., Masterson, V. A., ... & Sinare, H. (2018). The undisciplined journey: early-career perspectives in sustainability science. *Sustainability Science*, 13, 191-204.

Haxeltine, A., Avelino, F., Wittmayer, J., Kemp, R., Weaver, P., Backhaus, J., & O'Riordan, T. (2013). *Transformative social innovation: a sustainability transitions perspective on social innovation*. Paper presented at Social Frontiers, London, United Kingdom.

Hamann, R., Nilsson, W., & Drimie, S. (2018). Tackling hunger through dialogue? The institutional agency of dialogue in social innovation. Paper presented in Social Innovation + Change Initiative (SICI), at the Harvard Kennedy School, **April 6-7, 2018**. [...Annals...].

Haxeltine, A., Pel, B., Wittmayer, J., Dumitru, A., Kemp, R., & Avelino, F. (2017). Building a middle-range theory of Transformative Social Innovation; theoretical pitfalls and methodological responses. *European Public & Social Innovation Review*, 2(1), 59-77.

Havas, A., Schartinger, D., & Weber, K. M. (2023). Innovation studies, social innovation, and sustainability transitions research: From mutual ignorance towards an integrative perspective? *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 48, 100754.

Heck, D., & Sweeney, D. (2013). Using most significant change stories to document the impact of the teaching teachers for the future project: an Australian teacher education story. *Australian Educational Computing*, 27(3), 36-47.

Hörisch, J., Freeman, R. E., & Schaltegger, S. (2014). Applying stakeholder theory in sustainability management: Links, similarities, dissimilarities, and a conceptual framework. *Organization & Environment*, 27(4), 328-346.

Howaldt, J., Butzin, A., Domanski, D., & Kaletka C. (Eds.). (2014). *Theoretical approaches to social innovation: a critical literature review. A deliverable of the project: "Social Innovation: Driving Force of Social Change"* (SI-DRIVE), Dortmund: Socialforschungsstelle.

Jaakkola, E. (2020). Designing conceptual articles: four approaches. *AMS Review*, 10(1), 18-26.

Jahan, N., Naveed, S., Zeshan, M., & Tahir, M. A. (2016). How to Conduct a Systematic Review: A Narrative Literature Review. *Cureus*, 8(11), 1-6.

Kivimaa, P., Laakso, S., Lonkila, A., & Kaljonen, M. (2021). Moving beyond disruptive innovation: A review of disruption in sustainability transitions. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 38, 110-126.

Klitkou, A., Bolwig, S., Huber, A., Ingeborgrud, L., Pluciński, P., Rohrer, H., Thiene, M., & Žuk, P. (2022). The interconnected dynamics of social practices and their implications for transformative change: A review. *Sustainable production and consumption*, 31, 603-614.

König, A., & Evans, J. (2013). Introduction: experimenting for sustainable development? Living laboratories, social learning and the role of the university. In: König, A. (Ed.), *Regenerative Sustainable Development of Universities and Cities: The Role of Living Laboratories*. Cheltenham: Edward Elgar.

Krlev, G., & Terstriep, D. (2022). Pinning it down? Measuring innovation for sustainability transitions. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 45, 270-288.

Köhler, J., Geels, F. W., Kern, F., Markard, J., Onsongo, E., Wiczorek, A., & Wells, P. (2019). An agenda for sustainability transitions research: State of the art and future directions. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 31, 1-32.

Lachman, D. A. (2013). A survey and review of approaches to study transitions. *Energy Policy*, 58, 269-276.

Lazurko, A., & Keys, P. W. (2022). A call for agile futures practice in service of transformative change: lessons from envisioning positive climate futures emerging from the pandemic. *Ecology and Society*, 27(3).

Lee, J. Y., & Waddock, S. (2021). How transformation catalysts take catalytic action. *Sustainability*, 13(17), 9813.

Loorbach, D., Frantzeskaki, N., & Avelino, F. (2017). Sustainability Transitions Research: Transforming Science and Practice for Societal Change. *Annual Review of Environment and Resources*, 42(1), 599-626.

Lukka, K., & Vinnari, E. (2014). Domain theory and method theory in management accounting research. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 27(8), 1308–1338.

Mahmuda, I., Baskaran, A., & Pancholi, J. (2014). Financing Social Innovation for Poverty Reduction: A Case Study of Microfinancing. *Science, Technology and Society*, 19(2), 249-273.

Markard, J., Raven, R., & Truffer, B. (2012). Sustainability transitions: An emerging field of research and its prospects. *Research Policy*, 41(6), 955-967.

McCrary, G., Schöpke, N., Holmén, J., & Holmberg, J. (2020). Sustainability-oriented labs in real-world contexts: An exploratory review. *Journal of Cleaner Production*, 277, 123202.

McGann, M., Blomkamp, E., & Lewis, J. M. (2018). The Rise of Public Sector Innovation Labs: Experiments in Design Thinking for Policy. *Policy Sciences*, 51(3), 249–267.

Medeiros, C. B., & Silveira, S. K. (2023). Linhas de Pesquisa em Inovação Social: um levantamento de trabalhos stricto sensu no Brasil. *Revista Inovação Social*, 5(2), 1-11.

Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 320–332.

Moriggi, A. (2022). An Ethos and Practice of Appreciation for Transformative Research: Appreciative Inquiry, Care Ethics, and Creative Methods. In: Franklin, A. (Ed.). *Co-Creativity and Engaged Scholarship. Transformative Methods in Social Sustainability Research*. Coventry: Palgrave Macmillan.

Moriggi, A., Soinib, K., Franklinc, A., & Roep, D. (2020). A Care-Based Approach to Transformative Change: Ethically- Informed Practices, Relational Response-Ability & Emotional Awareness. *Ethics, Policy & Environment*, 23(3), 281–298.

Moulaert, F., Maccallum, D., Mehmood, A., Hamdouch, A., & Edward Elgar (Eds.). (2013). *The International Handbook on Social Innovation*. Cheltenham: Edward Elgar.

Moulaert, F., & Van Dyck, B. Framing Social Innovation Research: a Sociology of Knowledge Perspective. (2013). In: Moulaert, F., Maccallum, D., Mehmood, A., & Hamdouch, A.; Elgar, E. (Eds.), *International Handbook on Social Innovation*. Cheltenham: Edward Elgar.

Mulgan, G. (2006). The Process of Social Innovation. *Innovations: Technology, Governance. Globalization*, 1(2), 145-162.

Mulgan, G., Tucker, S., Ali, R., & Sanders, B. (2007). *Social Innovation. What it is, why it matters and how it can be accelerated*. Oxford: Oxford Said Business School - Skoll Centre for Social Entrepreneurship.

Nel, K., & Govender, S. (2019). Appreciative inquiry as transformative methodology: Case studies in health and wellness. In: Laher, S., Fynn, A., & Kramer (Eds.). *Transforming Research Methods in the Social Sciences. Case Studies from South Africa*. Johannesburg: Wits University Press.

Norgaard, K. M. (2018). The sociological imagination in a time of climate change. *Global and Planetary Change*, 163, 171-176.

OECD. Organisation for Economic Cooperation and Development. *Social entrepreneurship and social innovation*. (2010). In: Organisation for Economic Cooperation and Development – OECD. SMEs, Entrepreneurship and Innovation. (pp. 186-215). Paris: OECD.

ONU. Organização das Nações Unidas. *Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> Acesso em: 19 nov. 2024.

Olsson, P., Galaz, V., & Boonstra, W. J. (2014). Sustainability transformations: a resilience perspective. *Ecology and Society*, 19(4).

Pel, B., Haxeltine, A., Avelino, F., Dumitru, A., Kemp, R., Bauler, T., Kunze, I., & Jørgensen, M. S. (2020). Towards a theory of transformative social innovation: A relational framework and 12 propositions. *Research Policy*, 49(8), 104080.

Phills Jr., J. A., Deiglmeier, K., & Miller, D. T. (2008). Rediscovering Social Innovation. *Stanford Social Innovation Review*, 34-43.

- Puente, C., Fabra, M. E., Mason, C., Puente-Rueda, C., Sáenz-Nuño, M. A., & Viñuales, R. (2021). Role of the Universities as Drivers of Social Innovation. *Sustainability*, *13*(24), 2-14.
- Purcell, W. M., Henriksen, H., & Spengler, J. D. (2019). Universities as the engine of transformational sustainability toward delivering the sustainable development goals: “Living labs” for Sustainability. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, *20*(8), 1343-1357.
- Richards, J. (2012). *Storytelling in Appreciative Inquiry*. Master of Arts in Reading with a concentration in Storytelling (Thesis), Department of Curriculum and Instruction East Tennessee State University.
- Romero-Frías, E., & Robinson-García, N. (2017). Laboratorios sociales en Universidades: Innovación e impacto en Medialab UGR. *Comunicar*, *51*(XXV), 29-38.
- Schneider, F., Kläy, A., Zimmermann, A. B., Buser, T., Ingalls, M., & Messerli, P. (2019). How can science support the 2030 Agenda for Sustainable Development? Four tasks to tackle the normative dimension of sustainability. *Sustainability Science*, *14*, 1593-1604.
- Schäpke, N., Omann, I., Wittmayer, J. M., Van Steenberg, F., Mock, M. (2017). Linking transitions to sustainability: A study of the societal effects of transition management. *Sustainability*, *9*(5), 737.
- Sengers, F., Wieczorek, A. J., & Raven, R. (2019). Experimenting for sustainability transitions: A systematic literature review. *Technological Forecasting and Social Change*, *145*, 153-164.
- Setton, O. (2017). *The spaces in-between: An appreciative inquiry into cross-boundary collaborative design for social innovations*. Thesis, MPhil in Inclusive Innovation, University of Cape Town, Faculty of Commerce.
- Sovacool, B. K., Brugger, H., Brunzema, I., Dańkowska, A., Wemyss, D., Vernay, A. L., ... & Rogge, K. S. (2023). Social innovation supports inclusive and accelerated energy transitions with appropriate governance. *Communications Earth & Environment*, *4*(1), 289.
- Sparre, M. (2024). From Thoughts on the UN Sustainable Development Goals to a Sustainable Platform for “True Storytelling” about Cooperative Opportunities. In: *A World Scientific Encyclopedia of Business Storytelling Set 2: Methodologies and Big Data Analysis of Business Storytelling*. Volume 1: Business True Storytelling (pp. 195-207).
- Stephens, J. C., Hernandez, M. E., Román, M., Graham, A. C., & Scholz, R. W. (2008). Higher education as a change agent for sustainability in different cultures and contexts. *International Journal of Sustainability in Higher Education*, *9*(3), 317-338.
- Szetey, K., Moallemi, E. A., Ashton, E., Butcher, M., Sprunt, B., & Bryan, B. A. (2021). Co-creating local socioeconomic pathways for achieving the sustainable development goals. *Sustainability Science*, *16*, 1251-1268.
- Trencher, G., Yarime, M., McCormick, K. B., Doll, C. N., & Kraines, S. B. (2014). Beyond the third mission: Exploring the emerging university function of co-creation for sustainability. *Science and Public Policy*, *41*(2), 151-179.

Van Den Bosch, S. (2010). *Transition experiments: exploring societal changes towards sustainability*. Thesis, Erasmus Universiteit Rotterdam.

Van Der Merwe, S., Biggs, R., & Preiser, R. (2018). Building social resilience in socio-technical systems through a participatory and formative resilience assessment approach. *Systemic Change Journal*, 1(1), 1-34.

Veland, S., Scoville-Simonds, M., Gram-Hanssen, I., Schorre, A. K., El Khoury, A., Nordbø, M. J., & Bjørkan, M. (2018). Narrative matters for sustainability: the transformative role of storytelling in realizing 1.5C futures. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 31, 41-47.

Virgil, M. (2014). Bridging Research and Practice AI-infused Process for Transformative Dialogues and Co-constructed Social Change. *AI Practitioner*, 16(3), 30-35.

West, S., Haider, L. J., Stålhammar, S., & Woroniecki, S. (2021). Putting relational thinking to work in sustainability science – reply to Raymond et al. *Ecosystems and People*, 17(1), 108-113.

West, S., Haider, L. J., Stålhammar, S., & Woroniecki, S. (2020). A relational turn for sustainability science? Relational thinking, leverage points and transformations. *Ecosystems and People*, 16(1), 304-325.

Wiek, A., & Lang, D. J. (2016). Transformational Sustainability Research Methodology. In: Heinrichs, H., Martens, P., Michelsen, G., & Wiek, A. (Eds), *Sustainability Science*. Dordrecht: Springer.

Wiek, A., Ness, B., Schweizer-Ries, P., Brand, F. S., & Farioli, F. (2012). From complex systems analysis to transformational change: a comparative appraisal of sustainability science projects. *Sustainability Science*, 7 (Suppl 1), 5–24.

Whitney, D. K., Trosten-Bloom, A., & Vianello, M. G. (2019). Action Learning and Action Research: genres and approaches. In: Ortrun Zuber-Skerritt e Lesley Wood (Eds.), *Action learning and action research: genres and approaches*. Bingley: Emerald Publishing. Chapter 11.

Wittmayer, J. M., Backhaus, J., Avelino, F., Pel, B., Strasser, T., Kunze, I., & Zuijderwijk, L. (2019). Narratives of change: How social innovation initiatives construct societal transformation. *Futures*, 112, 102433.

Wuppertal Institute. (2023). *Transformative Research*. Berlin: Wuppertal Institute. Disponível em: Transformative Research - Wuppertal Institute for Climate, Environment and Energy (wupperinst.org).

Yañez-Figueroa, J. A., Ramírez-Montoya, M. S., & García-Peñalvo, F. J. (2022). Social innovation laboratories for the social construction of knowledge: systematic review of literature. *Texto Livre*, 14, 1-14.

Yuliani, E. L., Moeliono, M., Labarani, A., Fisher, M. R., Tias, P. A., & Sunderland, T. (2022). Relational values of forests: Value-conflicts between local communities and external programmes in Sulawesi. *People and Nature*, 1-17.